



PARA ENTENDER AS *JORNADAS DE JUNHO* DE 2013 À LUZ DO PENSAMENTO DE ERNESTO LACLAU

Sérgio Barbosa dos Santos Silva¹

Resumo: Este trabalho analisa as *Jornadas de Junho* de 2013, tendo como base os resultados de uma pesquisa realizada, no último trimestre deste mesmo ano, junto aos alunos da Universidade de Brasília, com destaque para a interpretação de suas motivações e de suas percepções acerca destes protestos. Mais do que compreender estas manifestações por meio de referenciais da teoria democrática contemporânea, elas podem ser, a priori, tomadas como processos vagos, imprecisos e contingenciais cujas perspectivas políticas não se identificam com a lógica do Estado, obrigando rever sentidos, sujeitos e marcos institucionais à luz do pensamento de Ernesto Laclau.

Palavras-chaves: ***Jornadas de Junho* de 2013; Alunos da Universidade de Brasília; teoria democrática contemporânea; Ernesto Laclau.**

MARCOS INTRODUTÓRIOS

No último trimestre de 2013 foi realizada a pesquisa intitulada *O paradoxo da democracia: a participação política dos alunos da Universidade de Brasília*² com o objetivo de investigar suas motivações para participarem ou não da vida política. Buscou-se, ainda, caracterizar os perfis políticos participativos desses estudantes; mapear as instituições nas quais participam e qualificar a intensidade da participação política no ambiente virtual.

A estratégia metodológica adotada pautou-se na realização de um *survey* com os alunos da graduação da Universidade de Brasília (UnB) a partir da aplicação

¹ Mestrando em Sociologia Política junto à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Endereço eletrônico: sergio.barbosa30@gmail.com

² Esta pesquisa contou com o apoio financeiro do CNPq (Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) através do financiamento de uma bolsa de iniciação científica – PIBIC/ProIC/UnB. A pesquisa foi realizada com a valiosa colaboração das parceiras e alunas de graduação Maitra De Biase Dell' Erba e Jéssica Ferraz Araújo Soares. Agradeço, especialmente, a minha ex-orientadora Débora Messenberg pela condução e supervisão do meu recorte “internet e participação política” neste projeto do edital 2013-2014.

de questionários compostos por questões abertas e fechadas.³ A seleção dos alunos entrevistados foi calculada a partir da elaboração de uma amostra estratificada, considerando o universo dos alunos da UnB que estavam cursando o sexto semestre ou acima desse período, em seus respectivos cursos de graduação diurnos e que faziam parte das 11 (onze) Faculdades e dos 12 (doze) Institutos do Campus Darcy Ribeiro.

Foram entrevistados alunos de 44 cursos distribuídos nas três áreas de conhecimento do ensino superior definidas pelo *Cnpq*⁴. Os questionários foram aplicados presencialmente (35) e virtualmente (59). Para o cálculo da amostra estabeleceu-se um grau de confiança de 95% e um erro máximo aceitável de 10% ($d = 0,10$). Tendo como ponto de partida esta pesquisa, o recorte aqui investigado procura entender como ocorreu o processo de convocação destes universitários para participarem das *Jornadas de Junho* de 2013, avaliando a repercussão deste movimento à luz do pensamento de Ernesto Laclau.

O termo acadêmico *Jornadas de Junho* foi usado para referir-se a todas as manifestações ocorridas em diferentes locais do Brasil em Junho de 2013. Não há um consenso estabelecido quanto ao termo mais apropriado para explicar o aparecimento de novas formas de ativismo na cena pública brasileira. Bringel (2013) os define como “levante de Junho” e Singer (2013) como “acontecimentos de Junho”, enquanto Scherer-Warren (2014) as caracteriza como manifestações amplas de cidadania, tratando-se de “agregados de múltiplos coletivos no espaço público com reivindicações conjunturais, mas frequentemente com protestos politicamente heterogêneos, diversificados, e podendo conter antagonismos políticos explicitados ou

³ Os questionários aplicados tiveram como fonte central as seguintes pesquisas: *Juventude e Socialização política- Parlamento Jovem*, Belo Horizonte: UFMG, 2008 e *A Desconfiança dos Cidadãos nas Instituições Democráticas*, São Paulo: NUPES-USP, Campinas: CESOP-UNICAMP, 2006.

⁴ **Cursos de Ciências da Vida:** Ciências Biológicas, Medicina, Educação Física, Farmácia, Nutrição, Odontologia e Agronomia; **Cursos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:** Psicologia, História, Serviço Social, Geografia, Letras, Ciência Política, Artes Visuais, Artes Cênicas, Desenho Industrial, Música, Relações Internacionais, Sociologia, Biblioteconomia, Museologia, Comunicação Social, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Contábeis, Administração, Gestão de Políticas Públicas, Economia, Direito, Pedagogia; **Cursos de Ciências Exatas e da Terra e Engenharias:** Geologia, Geofísica, Matemática, Ciência da Computação, Estatística, Física, Química, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Engenharia de Redes, Engenharia de Produção, Engenharia Ambiental e Engenharia Florestal. Os nomes das referidas áreas de conhecimento foram extraídas do Portal Online do CNPQ. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/cas/cas.htm#chs> Acesso em: 09 de Setembro de 2013.

não, e mobilizados especialmente através das redes sociais virtuais” (WARREN, 2014: 14). Neste trabalho, optou-se pelo termo *Jornadas*.

Este artigo está dividido em três seções. Primeiramente, elucida-se uma discussão sobre as características do *ciberativismo* e as motivações que levaram o grupo de alunos entrevistados a participarem ou não das *Jornadas de Junho* de 2013. Na segunda parte, pontua-se o cruzamento das reflexões teóricas de Ernesto Laclau com o banco empírico colhido. Para isso, é ressaltado como novas formas de participação política podem utilizar rede virtual como veículo motor e como os dados empíricos desta pesquisa sugerem esta direção. E, por fim, é ressaltado o desafio para compreender as novas formas de ativismo frente às teorias democráticas contemporâneas.

AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013 É UMA MODALIDADE CIBERATIVISTA?

O *ciberativismo*, também conhecido como *net-ativismo* pode ser definido como novas formas de ações políticas colaborativas e novas formas de participação em redes digitais. Amadeu (2010) entende por *ciberativismo* “um conjunto de práticas em defesas de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na internet”. (AMADEU, 2010: 31) Trata-se, em última instância, de uma manifestação de ativismo social contemporâneo, onde o emprego das TIC’s (Tecnologias da Informação e Comunicação) promove novas modalidades de ação coletiva.

Tal como o *ciberativismo*, Gohn (2013) os define como *novíssimos movimentos sociais*. Estes, segundo a autora, também se centram no advento da internet por meio da comunicação interativa das redes sociais virtuais. Em verdade, a internet tem favorecido o fortalecimento de *novíssimos movimentos sociais* com caráter emancipatório.⁵ Não foram sindicatos ou os partidos que convocaram as manifestações; foram os cidadãos plugados na rede virtual. Aliás, desde o início se fez crítica radical a todas as instituições do *establishment* – parlamento, partidos, sindicatos (GOHN, 2013: 34). Segundo a autora, todos que têm acesso às mesmas informações, particularmente os jovens⁶, estão conectados em um único mundo, o virtual, onde também podem ficar lado a lado, curtir as mesmas páginas,

⁵ Ver o documentário “A partir de agora... As Jornadas de Junho no Brasil” de Carlos Pronzato (diretor e roteirista). Disponível em: <http://www.contextolivre.com.br/2014/02/a-partir-de-agora-as-jornadas-de-junho.html>. Acesso em: 14 de Fevereiro de 2014.

⁶ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,apos-atos-governo-nao-tem-interlocutores,1053152,0.htm>. Acesso: 20 de novembro de 2013.

compartilhar os mesmos vídeos, fotos, artigos, *posts*, sem contar a replicação em perfis, *blogs* e sítios.

Os diferentes movimentos de indignação que sacudiram o mundo nos últimos anos, como a *Revolução Egípcia*, o movimento *15-M* na Espanha, o *Occupy* nos Estados Unidos, e mesmo, as *Jornadas de Junho* de 2013 no Brasil, parecem compartilhar as seguintes características entre si: rejeição aos partidos políticos, baixa confiança nas formas convencionais de organização política, formação e mobilização via internet. Todos eles são, na análise deste texto, considerados como modalidade *ciberativista*.

Gerbaudo (2012) ressalta que o *ciberespaço* ocupa uma posição de um “não-lugar”, ou seja, formado por indivíduos conectados que trocam ideias entre si e com o mundo, podendo atuar como internautas que colam, copiam, replicam, editam, sintetizam e multiplicam as redes sociais virtuais, em milhões de *tweets* e *posts* sobre notícias a respeito dos acontecimentos políticos em geral. Este autor realiza um rico trabalho de campo etnográfico⁷ ao testemunhar as múltiplas manifestações de ativismo através das redes sociais virtuais. Concentra sua análise em três lócus de ocupação: Praça Tahir (Cairo), Praça do Sol (Madri) e Parque Zucotti (Manhattan).⁸ E tem por objetivo identificar a maneira pela qual as redes sociais virtuais transformam a experiência e as formas de participação em uma nova cultura de protesto.

Os *ciberativistas*, neste sentido, não estão na posição de deliberar comandos, apesar de sua mensagem influenciar diretamente a maneira pela qual as pessoas agem em conjunto, exprimindo a cena em que sua ação coletiva irá se mostrar. Tal movimentação é denominada por Gerbaudo de *choreography of assembly* (coreografia coletiva). Esta expressão é o conceito basilar de seu aporte teórico. Entende-se como um “processo de construção simbólica de um espaço público que se constrói em torno de um ajuste de cena emocional e um *script* dos participantes na assembleia física.” (GERBAUDO, 2012: 12). Neste sentido, os manifestantes adquirem caráter participativo e libertário de uma nova cultura de protesto.

⁷O autor realizou ao todo 80 entrevistas em seu estudo de campo.

⁸Conforme visto, referem-se respectivamente a: *Revolução Egípcia*, aos Indignados na Espanha e ao *Occupy Wall Street*. Estes diferentes movimentos são analisados diacronicamente, traçando as diferentes fases de seu desenvolvimento. Tanto o papel desempenhado pelos meios de comunicação social em cada um deles foi reconstruído quanto a interação do movimento com outras formas de comunicação foi tomada como relevante.

O uso do termo “coreógrafo” é uma metáfora para caracterizar essa liderança indireta. De forma análoga aos coreógrafos tradicionais da dança, esses organizadores, em grande parte, são despercebidos durante o desenrolar do protesto. São, na verdade, “líderes que se reportando a ideologia da horizontalidade, não querem ser vistos como líderes de primeira instância, mas cuja definição de cena e o desenrolar da *performance* tem sido decisivo em trazer um grau de coerência” (GERBAUDO, 2012: 13) no desenvolvimento criativo da manifestação. A *choreography of assembly* pode, dessa forma, ser um coletivo e não necessariamente uma personificação de um indivíduo. Embora não se apresentem como líderes individuais, as ações do coreógrafo são fundamentais para a preparação do movimento, tendo em vista que fixam datas e locais de encontro, fazem slogans e constroem, dessa forma, uma coreografia que compõe o imaginário do movimento, criando a cena geral em volta da qual o protesto acontece.

Gerbaudo, por tudo isso, parte em defesa das redes sociais virtuais como meios facilitadores para os movimentos sociais contemporâneos. São elas as responsáveis para a construção da *choreography of assembly* que orientam os participantes da assembleia de forma dispersa e descentralizada. O *facebook* e o *twitter*⁹ ganharam destaque através da construção de identificações comuns no desencadeamento dos protestos. Destaca-se, neste sentido, que as redes sociais virtuais atuam como um elemento complementar – e não substituto – às manifestações nas ruas, além de possibilitarem a criação de novas formas de interações físicas e assumirem “um papel importante na visibilidade, cobertura e organização dessas mobilizações.” (ALCÂNTARA, 2014: 12)

Gerbaudo (2012) situa-se entre os *ciberotimistas* – aqueles que acreditam na promoção triunfalista da internet como uma ampliação dos canais de participação política, representados por Pierre Lévy, Chris Anderson, Dan Gilmor e, sobretudo, por Clay Shirky e os *ciberpessimistas* - defendem que a *web* enfraquece a participação de forma apocalíptica, fragmentando o espaço público, representados por Evgeniv Morozov e Malcom Gladwell.¹⁰ Ele considera que estes autores

⁹ Da mesma forma, os espaços colaborativos desenvolvidos nas redes sociais virtuais, em especial, o *facebook*, não se resumem apenas a uma pluralização das informações, e sim a uma dimensão interativa que extrapola a dimensão *online*. Neste sentido, é no próprio ambiente *offline* que a dimensão online é potencializada e mobilizada.

¹⁰ Enquanto a primeira defende que o meio virtual gera automaticamente novas modalidades de ação coletiva e de comportamentos humanos, a via *ciberpessimista* praticamente ignora as inovações

baseiam-se numa visão essencialista, ora tida como adequada ora inadequada.¹¹ Tais perspectivas mostram-se arbitrárias no trato do ambiente virtual, já que não se atentam para idiosincrasias locais percebidas na nova cultura de protestos.

Em realidade, o uso interativo da internet serve como potencial ferramenta para a promoção de novas formas de participação política - traduzidas, ou não, em mecanismos de ativação da cidadania e repolitização do social - para além dessas abordagens dicotômicas que, por um lado, defendem entusiasticamente o potencial democratizador desse instrumento como uma espécie de “ágora digital”, por outro, observam a expansão da internet como tendência à alienação e à desmobilização, o que implica pensar novas formas colaborativas que levem em conta a motivação subjetiva dos atores a partir de estudos empíricos singulares.

Mais do que tratar as manifestações como formas de ativismos “prontas” e “chapadas”, da forma de como se apresentam em uma teoria aqui e outra acolá, elas devem ser, a priori, tomadas como um processo em construção em que as perspectivas políticas deixam de se identificarem com lógica do Estado e são repensadas a partir de uma sociabilidade dinâmica e multifacetada, revendo seus sentidos, seus sujeitos e seus marcos institucionais. Dada a sua “natureza” indeterminada, as *Jornadas de Junho* transbordam para além das condições históricas que a alimentam, a saber, os novos possíveis cenários que são criados “escapam ao radar dos analistas que apenas vêem o jogo esperado de grande política com seus atores e estratégias já definidas”. (PARRA, 2013: 142)¹²

Já Castells (2013) elucida uma mudança na maneira como a organização das novas formas de ativismo é vivenciada pelos seus participantes. Eles surgem como um projeto calcado nas experiências dos indivíduos capaz de partilhar interesses, ideias e valores por meio de um espírito coletivo.¹³

tecnológicas nas novas formas de sociabilidades contemporâneas. Ver: (AMADEU; BRAGA & PENTEADO, 2014: 5)

¹¹ Ver: MORETZSOHN (2013).

¹² Por meio de sua sociologia dos rastros, Parra (2013) analisa as controvérsias sobre as motivações e estratégias dos movimentos.

¹³ Além disso, Castells explicita que “a comunicação em ampla escala tem passado por profunda transformação tecnológica e organizacional, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet; e, mais ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação em toda a parte. Esse é o novo contexto, no cerne da sociedade em rede como nova estrutura social, em que os movimentos sociais do século XXI se constituem.” (CASTELLS, 2013: 162)

Quadro 1: Movimentos Sociais em Rede

CARACTERÍSTICAS BASILARES DOS “MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE”
<p>Descrédito em relação às instituições políticas tradicionais e ao não-funcionamento dos mecanismos de representação;</p> <p>Desconfiança das informações disseminadas pelos veículos da grande mídia e por corporações financeiras;</p> <p>Sem lideranças e organizações formais;</p> <p>Denotam caráter antipartidário;</p> <p>Sem orientações estratégicas e autoridades verticais (não programáticos);</p> <p>Têm sua formação e são mobilizados primordialmente via internet (simultaneamente globais e locais);</p> <p>Uso intensivo das redes sociais virtuais (interação dinâmica entre <i>ciberespaço</i> e espaço urbano);</p> <p>Conectados em redes de múltiplas formas (multimodais);</p> <p>Movidos pela tríade indignação, entusiasmo e esperança.</p>

Fonte: CASTELLS (2013). Adaptação do autor.

É justamente pelos laços frágeis é que se dá a lógica dessas novas formas de ativismo. Por isso, não se trata de “rotular” estas manifestações como “ativismo de sofá”¹⁴, uma vez que, por não terem ativistas com causas específicas, distribuição temática ou, mesmo, uma lista de lideranças programadas, elas representam, dessa forma, movimentos de indignação em que não há uma necessidade obrigatória de identidade compartilhada pelos seus participantes e suas ações coletivas não necessariamente se mostram claras e definidas.¹⁵

Em realidade, a indignação não é um movimento social. É, na verdade, um estado de ânimo. Como canalizá-la em um movimento social transformador? Além de não se ter uma resposta definitiva para este questionamento, a discussão, a meu ver, não caminha nesta direção. As perguntas estão sempre direcionadas para critérios de legitimidade e de validade das manifestações. Eureka! Talvez suas formulações estejam sendo feitas de maneira equivocada, significa dizer, ao inverter o ângulo de análise, verifica-se uma multiplicidade perspectivas, significados e possibilidades abertas que não devem ser “enquadradas”¹⁶ em esquemas teóricos da TMS (Teoria dos Movimentos Sociais) ou mesmo das NTMS (Novas Teorias dos Movimentos Sociais).¹⁷

¹⁴ A expressão vem do inglês “slacktivism” (“ativismo de sofá”). Ver: (GERBAUDO, 2012: 7)

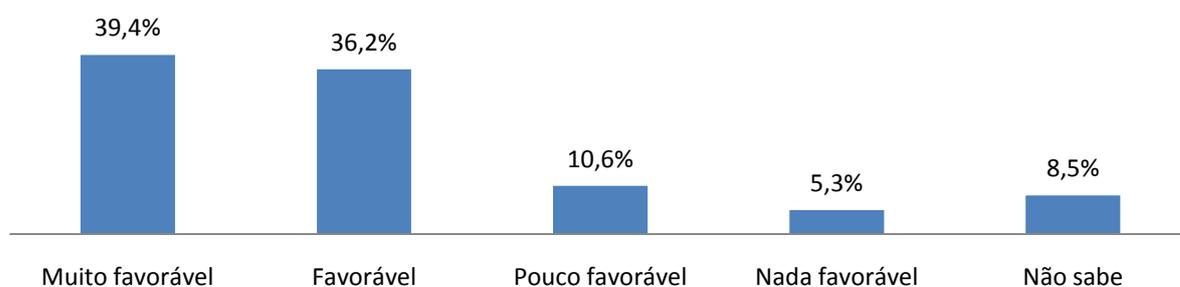
¹⁵ Estas discussões foram debatidas na GT 04 Ciberpolítica, Ciberativismo e Cibercultura, no XXXVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas gerais, em Outubro de 2014.

¹⁶ “Esta dificuldade de enquadrá-lo talvez seja o principal sintoma que estamos diante de algo novo.” (PARRA, 2013: 144)

¹⁷ Se a TMS foi caracterizada pelas interpretações sobre os movimentos sociais marcados pelo movimento operário e a importância atribuída ao conflito no mundo do trabalho, se valendo dos cânones clássicos da Sociologia (Marx, Durkheim e Weber), a NTMS deu sentido às ações dos “novos” atores sociais do conflito, o que faz surgir uma série de recursos epistemológicos, quais sejam: a teoria de mobilização de recursos, a teoria do processo político e outras abordagens particulares. São os novos movimentos feministas, ecológicos, pelos direitos civis, que avançam na

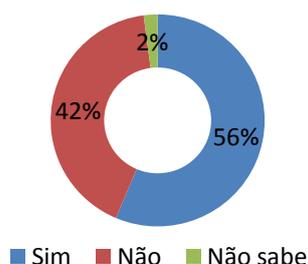
“Não ter garantias” para que a participação política se traduza em mecanismos de transformação da realidade social talvez seja a peça chave dessa nova cultura de protesto. Firmam-se, ao fim e ao cabo, como novas maneiras de se pensar e fazer a política no mundo contemporâneo. Os modelos supracitados têm a pretensão de estabelecer padrões para reger esta nova forma de protestos, no entanto, parecem estar desarmados para lidar com o fator contingência. Bringel (2013), da mesma forma, detecta a existência de uma “miopia política”. Esta se revela na restrição das interpretações da vida política à sua dimensão institucional, o que limita o surgimento de cenários sociais emergentes. Esta miopia impede também a avaliação de motivações, articulações e atitudes dos cidadãos em meio a uma pluralidade de significados que são característicos dos movimentos sociais contemporâneos. Estes inauguram novas reconfigurações das teorias contemporâneas sobre os movimentos sociais sem deixar de considerar as novas dinâmicas de um mundo globalizado e pautado pelo uso intenso das TIC’s. Direcionando a discussão para os dados empíricos, grande parte dos universitários esteve presentes nas *Jornadas de Junho* de 2013 (56%) e admitiram ser amplamente “favoráveis” a elas (75%).

Gráfico 1: Você foi favorável às Jornadas de Junho ocorridas em 2013?



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor

Gráfico 2: Você participou das Jornadas de Junho de 2013?

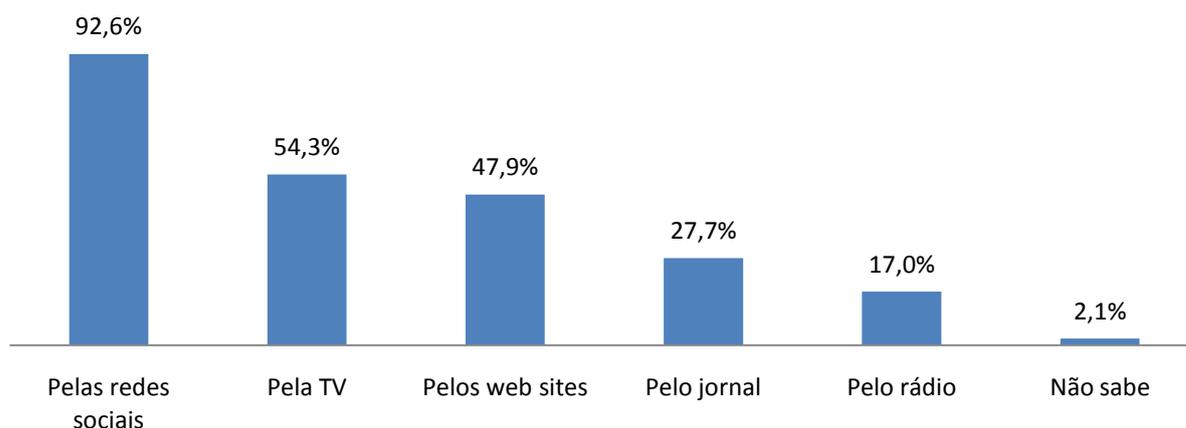


Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

compreensão de determinadas temáticas que outrora se valiam de questões específicas do movimento operário e de conflitos trabalhistas. Para mais detalhes, ver: BRINGEL (2011), (2012).

Mas como eles souberam dessas manifestações? Verificou-se que 92,6% dos estudantes souberam pelas redes sociais virtuais¹⁸ e 47,9% por meio dos *web sites*, indicando o papel basilar que a internet exerceu na convocação e mobilização dos estudantes entrevistados, o que confirma, a priori, a constituição de formas mais interativas na organização do movimento. Embora pesquisas revelem que a maior parte dos usuários da rede virtual ainda faz seu uso para assuntos privados e serviços ligados ao entretenimento¹⁹, a internet apontou, a partir dos dados coletados, como uma alternativa bastante útil na convocação destes alunos. À título de comparação, pesquisa feita pelo IBOPE²⁰ revelou que 62% dos entrevistados ficaram sabendo das manifestações pelo *facebook* e que 77% foram mobilizados por esta rede social virtual. Cabe ainda destacar que 75% dos entrevistados na pesquisa IBOPE utilizaram alguma rede social para convocar outras pessoas para as manifestações.

Gráfico 3: Como soube das *Jornadas de Junho de 2013*?



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

COMO ENTENDER AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013 À LUZ DE LACLAU?

Mas a questão-chave é entender o que motivaria estes jovens a participarem das manifestações? A dimensão interativa dos sujeitos investigados é diagnosticada

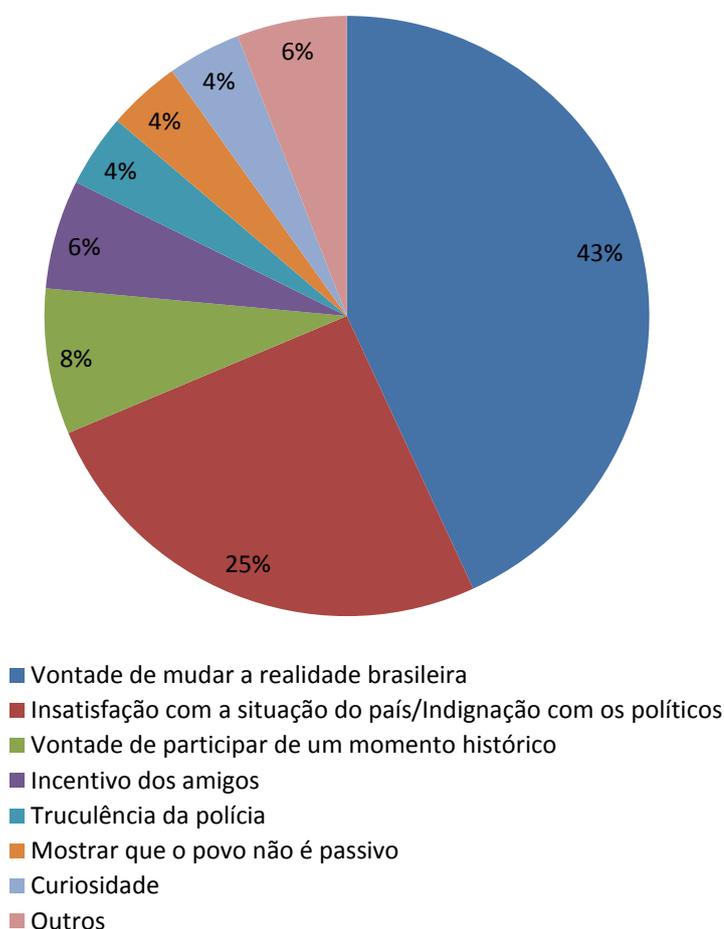
¹⁸ “A Internet se tornou um instrumento de mobilização política e participação mais direta e contínua... O Brasil já é o segundo maior mercado do mundo de Facebook, com mais de 58 milhões de contas, e do Twitter não fica muito atrás, com mais de 40 milhões.” (KNIGHT, 2013: 6)

¹⁹ Disponível em: <http://pesquisa.ufabc.edu.br/nuvem/linhas.html> Acesso em: 22 de Julho de 2014.

²⁰ A pesquisa foi realizada pelo IBOPE no dia 20 de junho de 2013, logo após as primeiras grandes manifestações ocorridas em sete capitais brasileiras (SP, RJ, MG, RS, PE, CE, BA) e Brasília. Foram entrevistados 2002 manifestantes com 14 anos ou mais, com margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou para menos. A pesquisa também apontou que o perfil dos manifestantes era majoritariamente composto por jovens (63% com menos de 30 anos), com nível superior completo (43%), ou cursando esse nível de escolaridade e/ou tendo concluído o ensino médio (49%). Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>. Acesso em: 01 de novembro de 2014.

a partir das respostas dos atores sociais baseadas em suas percepções e orientações subjetivas acerca de suas motivações.²¹ Neste sentido, os entrevistados justificaram seus interesses, principalmente pela crença de que movimentos dessa natureza podem mudar a realidade do país (43% das respostas), e/ou são a expressão da insatisfação com a atual situação brasileira e indignação com os nossos políticos (25 % das respostas). Já na pesquisa IBOPE, as reivindicações mais destacadas por participarem das manifestações foram: a precariedade do transporte público (37,6%), insatisfação com o ambiente político (29,9%) e gastos excessivos com a copa das confederações de 2013 e com a copa do mundo de 2014 (4,5%)

Gráfico 4: Motivações para participar das Jornadas de Junho



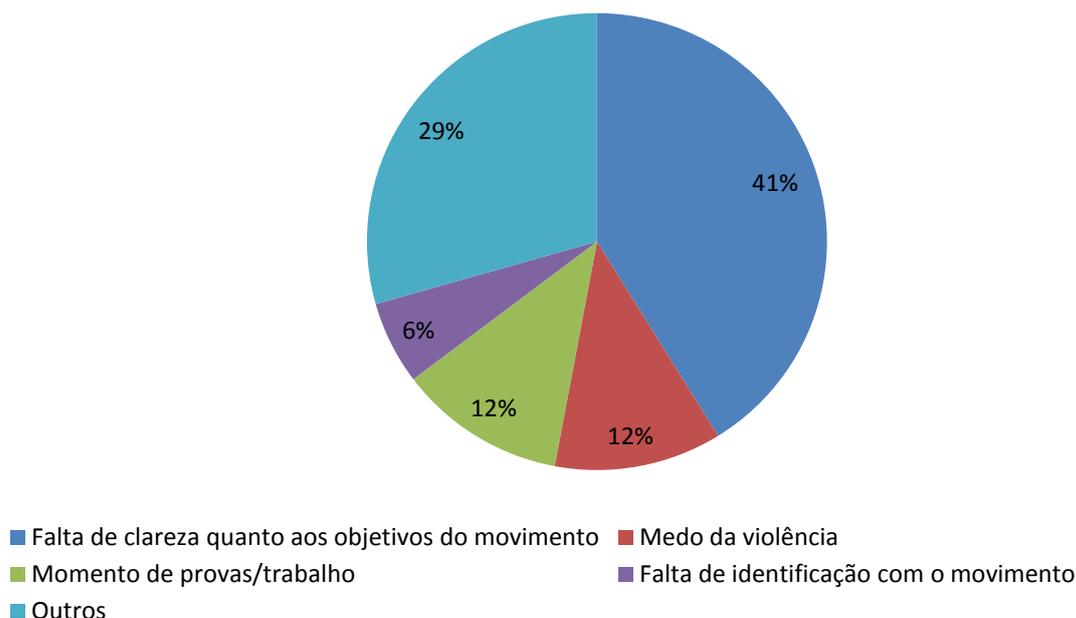
Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Para os que não participaram, as principais justificativas afirmaram ser a falta de clareza quanto aos objetivos do movimento (31,1% das respostas), o medo da violência (8,8%) ou o fato de estarem em fase de provas ou trabalho (8,8%). Laclau

²¹ Ver: MESSEBERG (2015).

(2008) explica que a demanda dos manifestantes (no caso em análise) se esvazia de sua relação com significados, a priori, determinados e transforma-se em um significante puro, o que o autor denomina de “significante vazio”, um significante que perde sua referência restrita a um específico significado, remetendo a uma simbologia vaga e imprecisa.²²

Gráfico 5: Motivações para não participar das *Jornadas de Junho*



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

Ainda na perspectiva laclauniana (2011), as sociedades passam por vários processos de mudanças ao longo do tempo:

Esse processo de identificação será sempre precário e reversível; e, como a identificação deixou de ser automática, diferentes projetos ou vontades competirão para hegemonizar os significantes vazios da comunidade ausente. O reconhecimento da natureza constitutiva dessa lacuna e da institucionalização política é o ponto de partida. (LACLAU, 2011:80)

Há então uma fragmentação dos atores sociais que participaram das *Jornadas de Junho* de 2013, uma vez que os objetivos políticos e as identidades de seus membros perpassam um processo contínuo de fluidez. Dada esta condição de possibilidade indeterminada, Nobre (2014) destaca que o *mainstream* da ciência política contemporânea trata o jogo democrático como um conjunto de regras que regem as instituições do sistema político e problematiza o fato de “a noção de

²² “[...] quanto mais estendida for a cadeia de equivalência, menos a demanda que assume o papel de representar a cadeia como um todo vai manter um vínculo estrito com o que a constituía originariamente como particularidade. Ou seja, para ter essa função de representação universal, ela vai ter que se despojar de conteúdos precisos e concretos.” (LACLAU, 2008: 24)

democracia não ter ampliado suficiente para enfrentar o debate próprio da arena colocada pelo modelo de sociedade” (NOBRE, 2014: 110) que se instaurou no Brasil nos últimos anos.

Cruzando com o aporte teórico laclauniano, a falta de um “exterior constitutivo” nas *Jornadas de Junho* de 2013 estaria, aparentemente, ligada a uma não formação de identidade compartilhada pelos seus participantes por meio de um princípio equivalencial capaz de articular forças diversas ao simplificar o espaço político. Em verdade, as mobilizações populares não são mais criadas a partir de um modelo de “sociedade total” ou na sedimentação de um único conflito capaz de dividir a totalidade do social em dois campos, mas numa pluralidade de exigências responsável por produzir uma proliferação de inúmeros espaços políticos. Segundo Burity (1997):

No caso das sociedades democráticas, a pluralidade de espaços políticos que se produz não prescinde de que, no interior de cada um deles, a fronteira dual se construa. O que ocorre é que a oposição resultante desta demarcação de terrenos não recobre toda a superfície do social nem exaure a capacidade identificatória dos agentes sociais envolvidos (BURITY, 1997: 15)

Não havia, dessa forma, um objetivo que unisse todos aqueles indivíduos ou, mesmo, o surgimento de um “inimigo comum” que pudesse identificá-los. Podemos dizer que havia “vários inimigos”, ilustrando que as *Jornadas de Junho* de 2013 não necessariamente deveriam ter fins claros e definidos, uma vez que a condição de possibilidade na formação da identidade de seus participantes pode ocupar mais de uma posição ao presumir que mesmo tendo grupos originalmente antagônicos entre si nada os impede de fazer parte de uma mesma cadeia articulatória. Laclau (1985) diferencia a lógica da diferença e lógica da equivalência dentro de uma relação que o autor denomina de hegemônica²³. Ao passo que a primeira refere-se a uma expansão, a um aumento da complexidade política, a segunda prima por simplificar o espaço político. A lógica diferença/equivalência ganha corpo ao perceber que não havia objetivo capaz de unir os manifestantes no momento dos protestos. A saber:

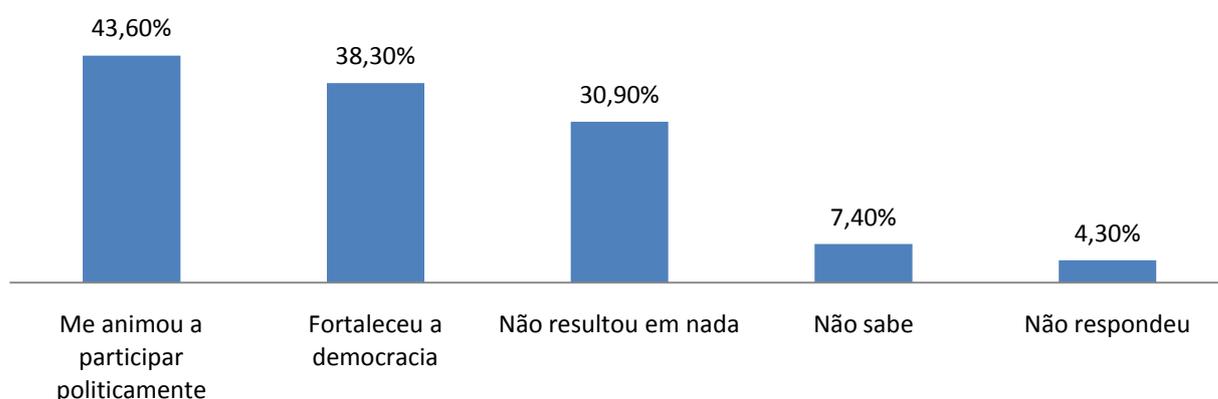
Se isso é correto, é impossível determinar no nível da mera análise do *modelo* diferença/equivalência que uma diferença particular será o lócus de efeitos equivalenciais – isso requereria o estudo de uma conjuntura

²³ Hegemonia supõe “um campo teórico-político delimitado pela categoria de articulação e, por conseguinte, pela possibilidade de se distinguir/identificar os diferentes elementos que entram na composição de uma formação hegemônica”. (BURITY, 1997: 12) Trata-se, em última instância, de uma operação discursiva capaz de articular demandas diferenciadas em uma cadeia de equivalências, ou seja, busca constituir a universalização de um discurso procurando fixar sentidos. A contingência, na perspectiva de Laclau, é inerente a todo processo hegemônico.

particular porque a presença de efeitos equivalenciais é sempre necessária, mas a relação equivalência/diferença não está intrinsecamente ligada a nenhum conteúdo diferencial particular. Essa relação, segundo a qual um conteúdo diferencial particular passa a ser o significante da plenitude comunitária ausente, é exatamente o que denomino *relação hegemônica*... Uma classe ou grupo é considerado hegemônico quando não se fecha numa estreita perspectiva corporativista, mas se apresenta para a mais ampla massa da população como o realizador de objetivos mais extensos, como a emancipação ou a restauração da ordem social. (LACLAU, 2011: 76-77)

Dado este caráter aparentemente “vago e impreciso” das *Jornadas*, destaca-se que até mesmo os “grupos minoritários organizados foram praticamente expulsos das ruas ou por temor de serem confundidos com seus contrários, como foi o caso do MPL, ou pela revolta dos apartidários.” (PINTO, 2014: 24) Percebemos, então, a natureza contingente e incompleta de como os protestos foram se revelando por meio de caráter vago que expressaram ali um aspecto flutuante capaz de captar e incorporar diferentes demandas. Este aspecto flutuante torna-se palpável quando questionamos sobre como os universitários avaliavam os resultados das manifestações, cerca de 44% dos entrevistados opinaram que a participação nas *Jornadas de Junho* foi motivo para animá-los a participar politicamente e 38,3 % pontuaram que as manifestações fortaleceram a democracia. Da mesma forma, a pesquisa IBOPE revelou que 94% dos entrevistados acreditavam que as manifestações iriam promover mudanças a partir das reivindicações dos protestos. Há, portanto, não só uma flutuação quanto às diferentes motivações dos universitários, como também à forma de como eles avaliam os resultados.

Gráfico 6: Avaliação dos resultados



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração do autor.

O significado das *Jornadas de Junho* de 2013, à luz de Laclau (2011), tende a funcionar como cristalização metafórica de conteúdos cuja interação entre os participantes se dá de maneira contingente. A metáfora, na perspectiva do autor, é

concebida como *telos* da metonímia e o “dado”, que é retoricamente construído, se refaz por meio de saltos metafóricos. Há uma defesa, em última instância, que o *continuum* metáfora/metonímia opere de forma plena na estruturação de espaços políticos. É, justamente, a implicação mútua entre metáfora e metonímia que cria a unidade de espaço discursivo. Burity (1997) explica que:

O discurso que articula elementos ao mesmo tempo modifica suas identidades. Em vez de uma “entidade ‘cognitiva’ ou ‘contemplativa’, a [estrutura discursiva, JAB] é uma prática articulatória que constitui e organiza as relações sociais” (96). Ou como dizem adiante, articulação é “toda prática que estabelece uma relação entre elementos de modo que, em decorrência disto, suas identidades sejam modificadas” (105). A totalidade resultante de práticas articulatórias é o discurso. (BURITY, 1997: 13 apud LACLAU (1985))

A política, na perspectiva de Laclau, é a articulação de elementos heterogêneos, e essa articulação é primordialmente tropológica, pois pressupõe a dualidade entre instituir e subverter posições diferentes que acreditamos definir uma intervenção retórica. É somente por meio do confronto entre grupos que o momento especificamente político emerge, pois ele perfaz a natureza contingente e conflituosa dessas relações. Esta articulação tropológica permite ser transposta na revolução democrática laclauniana ao propor uma nova ligação entre tarefa e agente, que será concebida por meio de um deslocamento metonímico. Em verdade, qualquer metonímia tem uma tendência natural de se transformar gradativamente em metáfora. (LACLAU, 2011: 201)

O que está em jogo, segundo Laclau (2011), é a constituição de identidades sociais complexas construídas com base em reagregações metafóricas. Hegemonia também adquire, neste sentido, a passagem da metonímia para a metáfora. “E a operação deste processo está exatamente no ponto em que a metáfora e a metonímia se cruzam e limitam seus efeitos mútuos.” (LACLAU, 2011: 216)

São justamente estes jogos metafóricos capazes de suavizar os códigos de linguagem e “dar corpo” aos protestos, fazendo sentido a expressão “coreografia coletiva” apropriada por Gerbaudo (2012) para caracterizar as interações vividas, sentidas e experimentadas pelos atores políticos nas cadeias de manifestações mundo afora. A importância das redes sociais virtuais é moldar a maneira como os manifestantes pensam e agem em conjunto, coreografando a ação coletiva cuja correspondência depende da capacidade de mediação encontrada nas formas emergentes da participação política. Gerbaudo (2012) utiliza o conceito “popular” de Laclau (2013) no tocante ao trato dessa nova cultura de ativismo, tendo em vista que são constituídos pelo “povo” os indivíduos que fazem parte das localidades de onde

surgem os protestos. Dessa forma, “o campo popular pressupõe, como condição de sua constituição, a construção de uma identidade global a partir da equivalência de uma pluralidade de demandas sociais” (LACLAU, 2013: 137)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, no momento em que explodiu as *Jornadas de Junho* de 2013, verificou-se uma mobilização intensa desses universitários por meio de canais virtuais interativos, como as redes sociais virtuais, o que não só desmistificou o cenário de uma amorfia e descontinuidade em termos de participação na sociedade brasileira conforme apontavam vários estudiosos²⁴, como também essas novas formas de mobilização representaram e continuam a representar novas formas de se pensar e fazer a política no mundo contemporâneo. Trata-se de entender novas práticas participativas no meio virtual que transbordam para além dos canais institucionais estabelecidos.²⁵

Se na teoria democrática contemporânea a preocupação da análise social da realidade recai de tal modo a interferir o mínimo possível sobre a constituição da forma como ela se apresenta, conceituando de forma modelar sua versão minimalista cuja existência de eleições já é suficiente para satisfazer o jogo democrático, por outro lado, uma das ideias-chave da discordância do aporte de Laclau é colocar à prova estas teorias, significa dizer, é postular não só a importância da dimensão significativa no trato da política, mas também denotar o caráter metafórico constitutivo da realidade dos atores políticos envolvidos contingencialmente neste processo de construção.

Há uma preocupação de uma teoria que tenha "uma aplicabilidade analítica e normativa no campo da política" (MENDONÇA, 2014: 135) deslocada do projeto minimalista que se resume aos aspectos formais como eleições e representação, radicalizando-o por meio de avaliações das práticas participativas e contestatórias dos atores sociais:

Os fenômenos sociais são *sobredeterminados*: não têm única forma de abordar, de descrever, de explicar; não estão sujeitos a uma relação simples de causalidade; não se constituem por um único investimento de sentido, ou uma única agência; não envolvem explicações unívocas; não se esgotam na pura facticidade dos acontecimentos encadeados que permitem narrar-lhes um certo desdobramento no tempo e no espaço. (MENDONÇA & RODRIGUES, 2008:42)

²⁴ Ver: MESSEBERG, 2015: 2

²⁵ Novos movimentos de indignação explodiram também em Hong Kong. Ver: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140929_hong_kong_entenda_pai Acesso em: 27 de novembro de 2014.

Assim, o arcabouço teórico de Ernesto Laclau tratou sobre a construção de articulações como promoção de uma sociedade radical e plural, ao proporcionar um horizonte com ampla democratização social, a partir da construção de equivalência entre diferentes significados. Neste texto, procurou-se captar os sentidos contingências e indefinidos que articularam as cadeias de protestos nas *Jornadas de Junho* de 2013, questionando as diferentes chaves explicativas utilizadas para referir-se às manifestações.²⁶

O debate está em curso e certamente o entendimento destas recentes manifestações à luz do pensamento de Ernesto Laclau nos permitiu vislumbrar cenários emergentes. A mensagem que fica é pensar a sociedade como "conflito contingencial" estabelecido na prática articulatória do discurso, qual seja: a capacidade de compreender o sentido das contingências supera as análises deterministas e pré-estabelecidas do jogo democrático, inaugurando um novo cenário onde as possibilidades do social são infinitas, imprecisas e disputadas no seio da sociedade. Novas possibilidades para se desenhar a democracia contemporânea serão lançadas "com ou contra" Laclau. Afinal, vivemos numa "democracia em tempos de mutações"!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Livia Moreira de (2014). *Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais: repertórios, organização e difusão*. Dissertação de mestrado, IESP/UERG, Rio de Janeiro.

AMADEU, Sérgio; BRAGA, Sérgio & PENTEADO, Cláudio (2014). *Cultura, Política e ativismo nas redes digitais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

AMADEU, Sérgio (2010). Ciberativismo, cultura *hacker* e o individualismo colaborativo. *Revista USP*, São Paulo, n° 86, pp. 28-39, junho/agosto.

BRINGEL, Breno (2011). A busca de uma nova agenda de pesquisa sobre os movimentos sociais e o confronto político: diálogos com Sidney Tarrow. *Política & Sociedade* Florianópolis, vol. 10, n° 18, pp. 51-73.

BRINGEL, Breno (2012). Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais. *Sociologia e Antropologia*, vol. 02, n 3, pp. 43-67.

²⁶ "É tarefa da democracia construir mecanismos que sejam capazes de mobilizar, dar existência a paixões e interesses dentro de princípios e regras democráticas, ou seja, que se assegure a existência conflitiva da dimensão humana, que é inerradicável, mas que transforme os inimigos em adversários dentro de regras estabelecidas pelo jogo democrático." (MENDONÇA, 2010: 492)

- BRINGEL, Breno (2013). Miopias, sentidos e tendências do levante brasileiro de 2013. *Insight Inteligência* (Rio de Janeiro), vol. 62, pp. 42-53.
- BURITY, Joanildo Albuquerque. (1997) Desconstrução, Hegemonia e Democracia: O Pós-Marxismo de Ernesto Laclau. In: GUEDES, Marco Aurélio. Política e contemporaneidade no Brasil. Recife: Bagaço, p. 29-74. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/nabuco/joan7.rtf
- CASTELLS, Manuel (2013). *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- FUKS, Mario. (2008) *Juventude e Socialização política - Parlamento Jovem*, Belo Horizonte: UFMG.
- GERBAUDO, Paolo. (2012) *Tweets and the streets Social Media and Contemporary Activism* London: Pluto Press.
- GOHN, Maria da Glória. (2013) *Sociologia dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Editora Cortez.
- KNIGHT, Peter T. (2013). Insuficiência estratégica restringe o progresso A Internet no Brasil. *Braudel Papers*, São Paulo, n. 48, p. 1-16.
- LACLAU, Ernesto. & MOUFFE, Chantal. (1985) *Hegemony and Socialist Strategy*. London: Verso.
- LACLAU, Ernesto. (2008) Inclusão, exclusão e a construção de identidades. In: Aécio Amaral Jr; Joanildo Burity (orgs) *Inclusão social identidade e diferença. Perspectivas pós-estruturalistas de análise social*, p. 21-37.
- LACLAU, Ernesto. (2011) *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- LACLAU, Ernesto. (2013) *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas.
- MENDONÇA, Daniel de; PEIXOTO RODRIGUES, Léo. (2008) *Pós Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre: ediPUCRS.
- MENDONÇA, Daniel de (2010) "Teorizando o agonismo: crítica a um modelo incompleto". *Revista Sociedade e Estado*, Vol. 25, nº 3, set./dez.
- MENDONÇA, Daniel de (2014). O limite da normatividade na teoria política de Ernesto Laclau. *Lua Nova*, São Paulo, nº 91, pp. 135-167.
- MESSEMBERG, Débora (2015). O paradoxo da democracia: a participação política dos alunos da Universidade de Brasília. *Civitas*, v. 15, n. 1, pp. 1-23, jan.-mar.
- MOISÉS, José Álvaro (2006). *A Desconfiança dos Cidadãos nas Instituições Democráticas*, São Paulo: NUPES-USP, Campinas: CESOP-UNICAMP

MORETZSOHN, Sylvia Debossan (2013). O mundo “divertido”: o fetiche da internet e a mobilização política nas redes sociais. *Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global, Santa Maria*, v. 1, n. 2, p. 310-327.

NOBRE, Marcos. (2014). *O que significa pensar o país? Um debate a propósito de Por que o Brasil cresce pouco?*, de Marcos Mendes Novos Estudos Cebrap, nº 100, nov., pp. 97-113.

PARRA, Henrique. Z. (2013) Jornadas de Junho: uma sociologia dos rastros para multiplicar a resistência. *Revista Pensata*, v.3, n.1, p. 141-163.

PINTO, Céli Regina Jardim. (2014) *O que as teorias de reconhecimento têm a dizer sobre as manifestações de rua no Brasil em 2013*. Trabalho apresentado no GT 31 Democracia e Desigualdade, no XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu.

SCHERER-WARREN, Ilse (2014). Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. *Política & Sociedade* (Florianópolis), vol. 13, nº 28, Set./Dez. pp. 13-34.

SINGER, André. (2013). Brasil, Junho de 2013 Classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos Cebrap*, nº 97, novembro, pp. 23-40.